

Fronteiras do homem e vanguarda

1. Alpargatas

Observo as *Alpargatas* de Arthur Bispo do Rosário (1909-1981) *Alpargatas...* São do artista? De outro? Alpargatas gastas, com que interesse guardá-las? A arte retém banalidades, arrastadas pelo rio do olvido às sombras do nada. As alpargatas do painel de Bispo do Rosário vêm de muitos usuários, gente pobre. Na época do uso generalizado de alpargatas plásticas, os anúncios alertavam contra imitações. A marca distinguia, alpargatas tinham o poder de hierarquizar, o painel do artista ostenta alpargatas danificadas, de algumas restam as solas.

As alpargatas de Bispo do Rosário preservam a lembrança de gente que trabalhou, amou, pariu, partiu. Bispo do Rosário arquiteta significados com coisas que o tempo tritura, observo alpargatas ordenadas, campestres, urbanas, mudas, indecifráveis. As *Alpargatas* de Bispo do Rosário evocam passos de vários tempos, em muitos lugares, traços de um andar sem fim, com avanços e recuos, indecisões, passos indevidos, transgressivos.

Percebe-se dilaceramento esquizofrênico no painel *Alpargatas* de Bispo do Rosário, tentativas de sair sem saber para onde: sem objetivo definido, sem projeto. A atenção do artista concentra-se no andar. As alpargatas testemunham esforços de corpos ausentes, homens carentes que enfrentaram um mundo impreciso para sobreviverem.

2. A queda

Onde começa a história das nossas errâncias? Kierkegaard, ao rejeitar o universalismo de Hegel, analisa o homem individual, carente. Interessa-lhe a subjetividade, a queda, a formação. Adão e Eva viviam adormecidos na inocência, estado anterior a tudo: conhecimento, escolha, fim da vida. A voz criadora brilha como a primeira luz, chama do não-ser ao ser. Ocorre a desobediência, a queda. Entenda-se transgressão na acepção grega de *hamartia*: lance equivocado, falta, vazio, passo em falso. Razão e desejo repelem-se irmanados. A razão avalia o erro sem evitá-lo, conhecer expulsa da inocência. Lançados ao mundo, não somos coisa entre coisas; perdida a paradisíaca proteção uterina, avançamos ameaçados e desprotegidos. Movimentos calculados ou espontâneos nos expõem à desgraça e à fortuna, à generosidade e à presunção. Só conhecemos a inocência como perdida. A proibição provoca responsabilidade, sustenta o desejo, o exercício da liberdade. Sou mais do que o resultado de causas encadeadas. Aconteço entre coisas que acontecem; andando e agindo, defino minha situação em relação a seres que se situam. O leque dos acontecimentos se dilata; incapaz de abraçar tudo, escolho, determino, soffro.

O instante equilibra-se entre o passado e o futuro, entre o percorrido e a tarefa. A insuficiência passada abre rotas ao que ainda não é, o futuro desdobra o leque dos possíveis a mim, a todos os agentes, a todos os andantes. A cada ato inovador, passamos do não saber ao saber, apalpamos amplidões e limites; inexperientes, experimentamos. Caminhos andados registram presença na lembrança, lugares alcançados assinalam vitórias. A escolha aparece indecisa entre o bem e o mal, carente, por mais ajuizado que seja o gesto.

3.Desgarrados

Na passagem da inocência à história, fere-nos a sexualidade, o corte, golpe auroral de todas as divisões: masculino e feminino, sono e vigília, próximo e distante, alto e baixo, forte e fraco, visível e invisível, dizível e indizível, próprio e estranho, abrigo e desamparo, bem e mal... Se, no lugar de Adão e Eva, seccionados, surgisse um indivíduo totalmente novo, a história não teria continuidade. Surge o artista: carente, rebelde, inventivo. A relação precária com o mundo (palavras, imagens, sons, troços) determinam a invenção de outro mundo desde Leonardo da Vinci até James Joyce. Realizada no exílio, a obra de arte apresenta-se misteriosa, ilegível, ainda que interpretada. Toda leitura provoca novas leituras em cadeia sem fim. Construções, sucessos e insucessos, avanços e passos em falso, escrevem minha história e a história da humanidade.

O que falta a Adão? A falta lhe afeta o corpo inteiro. A Eva de seus sonhos, a mulher que o encantou ao despertar do sono, ficou no paraíso. Enfraquecido, assalta-o o temor de andar, incertezas o precipitam na angústia. O nada engendra o destino, inabarcável, a pluralidade convoca desgarrados, oferece metas. Édipo recorre ao oráculo, todo oráculo é ambíguo, responsabiliza, manda interpretar, uma interpretação leva a outra, a palavra é oracular, palavra nenhuma é derradeira. Palavras distanciam da origem; multiplicadas, ampliam complexidades. Ao interpretar, erramos. Retorno ao ponto de partida não há. Síntese não há.

4.Melancolia

Parmênides estabeleceu, contra o ser que não se move, o movimento, animado por Eros, fundamento da ação. Sempre que agimos, negamos o silêncio das origens, a inércia, a inocência. Eros viceja na sede, no desejo que nos atrai ao diferente, ao diferido, ao sedutor. Visto que andamos, existimos. Passos não caracterizam melancólicos. Veja-se *Melancolia I* (1514) de Albrecht Dürer. De asas recolhidas, cercada de objetos, a Melancolia, anjo imóvel, fita o vazio de olhos esbugalhados. Ignorando os instrumentos, legado de outras gerações a novos trabalhos, a Melancolia despreza o arco-Íris, não lhe interessa a escada. O sem sentido eclode, aprofunda-se, imobiliza, despedaça. A melancolia, estado de adultos, não escolhe, não recolhe, as vestes pesam, desencorajam ação. *Melancolia I* de Albrecht Dürer figura nas primeiras páginas de *Outono da Idade Média*. Huizinga aponta sinais da decadência na passagem da Idade Média à Renascença. Mas a Idade Média – nascida na rigidez de Bizâncio, retratada na inflexibilidade dos ícones orientais – não caminhava para a morte. O fim da Idade Média marca o início da contestação à inflexibilidade, à intolerância, à centralização, ao sofrimento, à matança. O movimento que anima os quadros de Giotto propaga-se na arte renascentista. Na passagem da Idade Média ao Renascimento, saídos da contemplação, entramos na época da observação, da indústria, do fazer, do saber fazer.

5.Jano

O *Angelus Novus* (1920) de Paul Klee é a *Melancolia* de Dürer surpreendida pelo vento das transformações. Onde se viam eventos concatenados, o *Angelus Novus* – de face voltada ao passado, boquiaberto, asas estendidas – percebe catástrofes, naufrágios, ruínas. Walter Benjamin adverte que o anjo gostaria de parar, acordar os mortos, salvar, mas o vendaval sopra com tal violência que o anjo não consegue recolher as asas. Aos olhos dele, impelido para o futuro, escombros se acumulam. Assim acontece o progresso, força cega como o determinismo histórico.

Instauremos, no lugar de do *Angelus Novus de Klee*, uma divindade antiga, Jano, de olhos voltados para o passado e para o futuro, instalado no limite, nas transições, deus de duas faces, uma recorda, a outra espera. Os olhares de Jano percebem mais do que determinismo histórico e ventos do progresso. Jano é surpreendido pelo inesperado. De nada lhe valeriam recordações saudosas de eminências demolidas, cabe-lhe escolher, inventar o que ainda não é.

6.O pluridimensional

Herbert Marcuse examina em *Homem unidimensional* (1964) o comportamento de bem-aventurados habitantes do paraíso fabril globalizado. O homem unidimensional não pensa, não lê, não se move, não sente, não avança, tranquiliza-o a prosperidade, medida pelo acúmulo de mercadorias. As aspirações do homem unidimensional não ultrapassam o produto da linha de montagem. Um perene estado de inocência confortável o mantém produtivo. O medo provocado pela ameaça da destruição global contém ímpetos de rebeldia.

Marcel Duchamp afronta com o *ready-made* o homem unidimensional que engloba árbitros do bom gosto, ditadores do belo, instalados em museus, santuários para eleger obras destinadas ao culto. O vanguardista francês lança o vaso de mictório contra o que museus consagraram. O vaso não é resposta, não é modelo, é redução a zero, convocação a novo começo, posição militante diante do nada. Incriminado o gosto de privilegiados, a decisão sobre o que é bom e mau desce à responsabilidade de cada um. Duchamp aponta a máquina como instrumento de arte ao lado da mão, do cinzel e do pincel. Dos deuses aos homens, e dos homens à máquina, acompanhamos a queda. A história da arte desce, do divino ao belo, do belo a nada. A figura humana foi reduzida à essência geométrica pelo cubismo. Em *O nu descendo uma escada* (1912), Duchamp liberta a arte imobilizada no geometrismo cubista. A escada fragmenta-se em estilhaços ao impacto de pinceladas demolidoras.

Desde a *Odisseia* até ao *Grande Vidro*, atraem-nos invenções, além das invenções seduz o infinito. Em lugar do homem unidimensional, o homem pluridimensional. Audível voz futura desperta-nos da inocência, tira-nos da multidão, chama-nos para o trabalho, para a vida, para múltiplas possibilidades de ser, de inventar, espaço de horizontes moventes. Premidos pelo mercado, os olhos sonhadores de Jano procuram uma sociedade em que todos troquem tudo, estabelecimentos que não excluam ninguém, continentes em que a terra seja de todos, em que migrantes não sejam detidos por cercas de arame farpado, em que terroristas não matem inocentes, terra em que pobres não sejam bombardeados por ricos, região de múltiplos caminhos, múltiplas escolhas. No pensar, inventar, empreender e sonhar, reside o prazer de viver.

7.O androide

Goshka Macuga evoca o profeta Ezequiel ao atribuir a um androide o título messiânico de “filho do homem”. O androide de Goshka devorou muito mais do que um manuscrito, absorveu todas as bibliotecas do mundo. De memória universal, fala mecanicamente a todos e a ninguém. Na visão da artista visual, o androide, de memória assombrosa, tomou o lugar do além-homem anunciado por Nietzsche. Todos sonhamos com o prodígio e participamos de sua fabricação. Em fábricas outrora movidas por operários, hoje atuam robôs. Queremos um mundo mecânico e o tememos. O espaço esvaziado por Duchamp é invadido por andróides. É esse nosso futuro?

Ameaçados pelo androide, reflitamos sobre o homem. Um dos primeiros a fazê-lo foi Heráclito, o filósofo de Éfeso constatou que o homem se diferencia dos outros seres vivos por dialogar com o logos, discurso que sustenta o mundo. A discursividade cósmica não conhece limites, inúmeros são os seres não nomeados, apesar dos esforços de especialistas. Há pessoas que constroem mundos particulares e se encarceram dentro deles. Esses são, para Heráclito, os idiotas, idiotas por se fecharem num mundo só deles. Por mais poderosa que seja a máquina, esbarra em limites, o produto não dominará produtores de horizontes móveis. Homens finitos demandam o infinito.